

*“A Filosofia vem perdendo a sua capacidade de fecundar a cultura e volta-se a questões endógenas”<sup>1</sup>*



**Pólemos:** Por que o senhor escolheu a Filosofia e quis fazer disto a sua carreira?

**Nelson Gomes:** Frequentemente os professores de filosofia respondem a essa pergunta aludindo a uma experiência pessoal do tipo “no meu tempo de colégio eu tive um excelente professor de filosofia” etc. Já ouvi várias vezes esse tipo de resposta frente a tal pergunta. A minha experiência não foi essa de ter um bom curso de filosofia no colégio. Fiz o curso científico no qual, na época, eu tinha um ano de filosofia no último ano. Aquele curso não foi bom. Acontece que, àquela época, eu tinha um plano pessoal muito particular, eu queria ser

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida pelo Prof. Dr. Nelson Gonçalves Gomes aos integrantes da revista *Pólemos*: Felipe Castelo Branco Medeiros, Alexandre Mello e Gilmar Mendes Junior, por ocasião de sua aposentadoria da UnB em 2012/13. A entrevista também está disponível no canal da *Pólemos* no YouTube - [http://www.youtube.com/channel/UCpuC-gCbv6lp6S\\_zssoE0TQ](http://www.youtube.com/channel/UCpuC-gCbv6lp6S_zssoE0TQ)

padre, eu era muito religioso e, então, terminado o curso, entrei no seminário, passando um ano em São Paulo, para aprender línguas clássicas. Mais tarde, fui para um seminário maior onde se estudava filosofia, isso na cidade de Aparecida. Aí sim eu comecei a aprender filosofia e gostei do curso. A minha primeira formação em filosofia foi tomista. Estudei tomismo, tive professores tomistas e foi uma experiência boa, muito interessante. Aprendi bastante filosofia medieval, li sobretudo Tomás de Aquino. A minha experiência pessoal com a filosofia começou aí. Depois eu saí do seminário e era muito natural a continuação dos estudos, pois o curso seminário era também civil. Transferi-me para São Paulo, para a Universidade Católica, onde concluí o ensino de filosofia, graduação e, imediatamente, passei para a pós-graduação. Na época, a pós-graduação era uma coisa completamente diferente do que é hoje. Para começar, não havia, como há agora, o tipo de interesse na pós, porque hoje a pós é praticamente uma espécie de caminho obrigatório. Se você não passa pela pós sabe que sua carreira está fadada a ter dificuldades. Na época não era assim. O que acontecia então é que algumas pessoas tinham interesse em fazer pós-graduação. O postulante, simplesmente, dirigia-se ao curso que fosse de seu interesse e simplesmente falava lá com o professor relevante que dizia “eu aceito” e pronto. Isso significava que ele tinha o direito de inscrever-se no livro oficial da pós e o curso começava. Eu procurei a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na qual se dava um curso especial para os alunos de pós-graduação. Simultaneamente, o aluno tinha de fazer, na graduação, mais uma vez, o curso daquela área que tivesse escolhido. Era uma coisa muito simples. No meu caso, eu fiz também o curso de filosofia grega com o meu orientador, o Prof. Oswaldo Porchat Pereira. Foi bastante interessante. O curso geral eu fiz com Bento Prado. Isso foi, digamos, o meu acesso ao mestrado. Porém, naquela mesma época, eu recebi minha bolsa do DAAD para Alemanha, após um processo que também era completamente diferente do que é hoje.

**Pólemos:** Professor, em que ano essas coisas aconteceram?

**Nelson Gomes:** A graduação eu comecei em 1963 e terminei em 1966. Em 1967, entrei na pós-graduação onde fiquei durante os anos de 1967, 1968 e 1969, sendo que em 1969 saiu a minha bolsa para Alemanha. À época, poucos faziam doutorado. Confesso que nem sei se haveria possibilidade de eu ir para Alemanha com uma bolsa brasileira, mas acho que não. Porém, de qualquer maneira, nem me passou pela cabeça solicitar algo assim. Eu simplesmente pedi uma bolsa alemã, ganhei-a do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio

Acadêmico) fui para Alemanha e lá fiquei na Universidade de Munique. Primeiramente, eu fui para o Instituto Goethe, por quatro meses, de dezembro de 1969 a março de 1970. Estive em uma pequena cidade chamada Schwäbisch Hall. Em abril de 1970, fui para Munique, onde comecei o meu curso universitário de doutorado. O esquema lá é diferente. De início, eu ainda não era formalmente um doutorando, mas logo passei a sê-lo, pois fui fazendo os cursos etc. Um ano e meio depois de entrar na Universidade de Munique, eu passei à condição de doutorando, reconhecida pelo DAAD e tive uma bolsa para ficar mais tempo na Alemanha até concluir a minha tese, em 1975. Fiz meu doutorado com o professor Wolfgang Röd, aposentado há muito, que vive hoje em Innsbruck na Áustria. Röd trabalhava no Instituto de Filosofia 2. Quando eu cheguei a Munique havia dois institutos de filosofia, ou seja, no nosso linguajar, dois departamentos. O Instituto de Filosofia 1 reunia tudo aquilo que nós chamaríamos de Filosofia Clássica, vale dizer, toda a história da filosofia e toda a pesquisa em torno de Kant, do Idealismo Alemão, de Aristóteles etc. No Instituto de Filosofia 2 estavam a Lógica, a Teoria da Ciência – que era uma área muito forte – e a Filosofia Analítica. Wolfgang-Stegmüller era um teórico da ciência, do qual tenho ainda a obra. Ele tinha também um trabalho razoável em lógica. Havia outros bons profissionais nesse instituto. Röd era um dos que lá trabalhavam. Curiosamente, ele não se dedicava à lógica nem à filosofia analítica, mas sim a Kant. Havia outros que lá trabalhavam com Lógica, Filosofia Analítica etc. Era um instituto de pessoas que acharam melhor ter o seu próprio departamento porque, cá entre nós, se encaixavam mal no departamento tradicional.

**Pólemos:** Em que época que você se interessou por Filosofia Analítica?

**Nelson Gomes:** Confesso-lhe que durante os meus anos de graduação na Católica de São Paulo, não ouvi falar de Filosofia Analítica. Lembro-me que tive notícia sobre o assunto pela primeira vez numa aula com o professor Newton da Costa. Da Costa ofereceu um curso privado de lógica para um pequeno grupo de estudantes, de dezembro de 1968 até fevereiro de 1969, atendendo ao pedido de interessados entre os quais estava eu. Quando, por uma série de circunstâncias, nós lhe pedimos que nos desse um curso, ele concordou. As aulas iam de segunda a sexta à noite, na casa de um amigo, o hoje professor Leon Kossovitch, que está se aposentando depois de trabalhar como docente de estética na Universidade de São Paulo. Na casa de Kossovitch nós nos reuníamos para as aulas de Newton da Costa. Eram aulas de lógica, simplesmente. Durante aquele período, nós estudamos o livro do Benson Mates, que

tinha acabado de sair em português. No contexto daquelas aulas, pela primeira vez, eu ouvi falar em Filosofia Analítica. Até então, eu não tinha a menor ideia do que fosse isso.

**Pólemos:** Mas o senhor já estudava lógica?

**Nelson Gomes:** Sim, eu estudava lógica. Tinha feito ainda no meu tempo de seminário a disciplina com a qual eu me identifiquei logo nas primeiras aulas. Os meus colegas vinham perguntar-me sobre a matéria, com a qual eu me dei muito bem. A lógica ensinada no seminário, obviamente, era tradicional, à base do livro de Maritain, mas ela foi importante para mim. Na época, havia cursinhos para Direito e para Jornalismo que ensinavam lógica porque era matéria de alguns vestibulares. Então eu passei a ensinar lógica tradicional nesses cursinhos. Isso aí por volta de 1965 e 1966, quando eu era ainda estudante de graduação. Portanto, eu sempre mantive contato com a lógica, mas primeiramente com lógica tradicional. Mais tarde veio o esperado livro, de Leônidas Hegenberg. Na época, eu tentava estudar lógica matemática, mas não tinha acesso, não sabia por onde começar. Eu perguntei uma vez ao professor na graduação se ele podia dar-me alguma literatura em lógica matemática e ele disse-me: “não, não, não, você é filósofo, não entre nessas coisas.” Eu simplesmente não sabia por onde começar. Quando saiu o livro de Leônidas Hegenberg eu comecei a estudá-lo sozinho e já aprendi muita coisa. Quando, bem depois, veio o curso de Newton da Costa, aí sim eu comecei a estudar de modo mais sistemático. A bem da verdade, porém, antes mesmo das aulas de Newton da Costa, eu tive um curso regular de lógica matemática. Em 1968, veio ensinar na USP o professor Andrés Romulo Raggio, um argentino doutorado na Suíça que era um grande mestre. Indiscutivelmente, um grande mestre. Diga-se de passagem, ele foi professor aqui da UnB muito mais tarde, em 1978/79. Andrés Raggio ofereceu um curso bastante simples para a pós-graduação, que eu assisti com extremo interesse. Posteriormente a essas experiências com Raggio e com Da Costa, quando fui para a Alemanha, eu estudei lógica com Wolfgang Stegmüller e também com um grande mestre chamado Kurt Schütte, que foi um dos maiores nomes da lógica do século 20. Kurt Schütte foi realmente uma figura muito impressionante, extremamente útil para mim. Stegmüller e Schütte foram as figuras que me formaram na Alemanha. Aí sim, eu pude completar minha formação lógica, porque antes tivera até mesmo dificuldade de acesso à disciplina. O curso que W. V. O. Quine dera em São Paulo, na Escola de Sociologia Política, da qual eu também fui aluno, datava de 1942, com publicação do respectivo livro em 1944. Não obstante, eu não tinha informação nenhuma a

respeito. O livro de Quine estava na biblioteca da minha faculdade e eu não sabia. Simplesmente não sabia.

**Pólemos:** Havia literatura de lógica em português na época?

**Nelson Gomes:** Bom, havia só que eu não tinha acesso a ela, por falta de informação. Na verdade, havia muito pouco. Havia um artigo de Amoroso Costa, que é de 1923, havia um artigo, pequeno livro, agora reeditado, do Vicente Ferreira da Silva, que é de 1938. Havia o citado trabalho publicado em 1944, um excelente trabalho. Mas esses textos estavam perdidos. O Brasil não mantém esse tipo de bem. Depois de 1944, veio o livro de Hegenberg, em 1966.

**Pólemos:** Na Alemanha você foi contemporâneo de Puntel?

**Nelson Gomes:** Fui, no seguinte sentido: o Puntel é de uma geração anterior a minha, ou seja, ele é um pouco mais antigo do que eu. Quando eu cheguei lá, Puntel já era doutor em Filosofia e em Teologia. Ele já estava a caminho de fazer a apresentação da sua livre docência. Quando eu estava no meu primeiro semestre, isso foi em 1970, ele já estava a caminho de apresentar sua livre docência. Mais tarde, eu fui seu aluno, por volta de 1973.

**Pólemos:** É muito curioso o seu doutorado em lógica, justamente na Alemanha.

**Nelson Gomes:** Eles próprios diziam: “München ist eine Festung des deutschen Idealismus”, que quer dizer, Munique é uma fortaleza do idealismo alemão. Realmente havia lá uma série de docentes e pesquisadores idealistas, por exemplo, o professor Reinhard Lauth, que era fichtiano. Ele elaborou uma notável edição crítica da obra de Fichte. Lauth dava um curso sistemático de filosofia dentro de uma perspectiva fichtiana, curso esse bastante interessante pelo caráter de coerência, sistematicidade e seriedade. Havia ainda, por exemplo, o professor Hermann Krings, que sem dúvida nenhuma, exerceu uma influência sobre aquilo que eu iria pensar mais tarde. Mas devo muito ao meu próprio mestre, o professor Röd, que foi o meu acesso a Kant. Quanto ao idealismo em geral, confesso que tenho alguma dificuldade em com ele tratar.



**Pólemos:** O senhor então começou a se interessar pelo Círculo de Viena e pela Filosofia Analítica somente quando chegou à Alemanha?

**Nelson Gomes:** No Brasil eu já tinha feito leituras a respeito. Eu comprei em São Paulo a tradução do livro *Logical Positivism*, no qual li artigos de Moritz Schlick, o que foi meu primeiro contato com esse autor, porque eu nunca tivera nenhum professor com interesse em positivismo lógico. A partir daí, eu comecei a ter interesse pelo Círculo de Viena, nomeadamente por Moritz Schlick. Depois, quando estudei melhor o Círculo de Viena, eu passei a ter mais interesse em Rudolf Carnap e, sobretudo Otto Neurath. Se bem que Neurath, em todo o Círculo de Viena, é provavelmente, o pensador com respeito ao qual eu mais discordo. Pessoalmente, eu não concordo com quase nada do que ele falou, mas eu tenho que admitir que ele teve posições e intuições bastante precisas e muito intrigantes. As suas ideias são dignas de consideração, sobretudo com respeito ao papel da história da ciência dentro da Filosofia e a sua crítica à especulação filosófica. A sua teoria sobre enunciados protocolares merece reflexão. Porém, Neurath não era muito bom em expor aquilo que pensava. Ele tinha um verdadeiro horror à metafísica, e prejudicou muito a sua obra a ponto de um trabalho recente dizer que ler Neurath ‘*is irritating*’ – é irritante. De fato é. Porque, a cada página, sempre vem a mesma repetição de que a metafísica deve ser extinta etc. Os pontos realmente decisivos para ideias que ele elabora são tratados em duas linhas, pois Neurath sempre retoma o ataque à metafísica de maneira excessivamente militante. Agora, quando você tem paciência de ler o que ele escreveu e procura por aquelas teses inteligentes que ele elabora, aí você vai encontrar coisas muito boas.

**Pólemos:** O senhor podia falar um pouco sobre o seu estudo sobre Schlick?

**Nelson Gomes:** Na verdade, eu procurei mostrar as fases que Schlick apresenta na sua obra. Existem três fases. Há uma fase inicial, na qual Schlick deve muito a um tipo de neokantismo, mesmo porque essa fase inicial é do começo do séc. XX, com uma versão neokantiana psicologista, que dura uns dois ou três anos. Depois, nós temos o autor que avança no sentido de seu trabalho principal a *Allgemeine Erkenntnislehre* que está publicada, inclusive em inglês, com o título de *General Theory Knowledge* – Teoria Geral do Conhecimento. Essa é a sua obra madura, publicada em 1918. Nesta obra, ele faz uma apresentação da epistemologia nos termos da época. Schlick era, realmente, um homem do seu tempo, mesmo porque ele era

físico e capaz de entender as novidades de então. Fez um doutorado com Max Planck sobre a difusão da luz no meio homogêneo. Nesse trabalho de 1918, ele dá sempre exemplos relacionados à luz, difusão de luz etc. A *Allgemeine Erkenntnislehre* foi reeditada em 1925. Quando começa o Círculo de Viena, em 1923-4, Schlick era um homem de grande autoridade, elogiado por Einstein. Quando, finalmente, ele entra em contato com Ludwig Wittgenstein, vem a sua terceira fase, uma fase na qual ele passou a ser um subordinado de Wittgenstein. Isto é acentuado até hoje como um fenômeno muito estranho, porque no final das contas, quem conhece o sistema alemão sabe que Schlick era um “Herr Professor”, pertencente a uma categoria de forte reputação social e acadêmica. De repente, porém, ele pagava tributo a um novato, que era Wittgenstein. Isto já é uma coisa estranha. Ele chegou a ter uma submissão tão grande a ponto de atribuir a Wittgenstein ideias que eram originalmente dele, Schlick. É um fenômeno bastante estranho, no qual Schlick se tornou um instrumento de percussão de Wittgenstein. Eu mostro então, como se distinguem estas fases e a questão fundamental, que é relativa às noções de qualidade e de quantidade. Qualidade é tudo aquilo que tem a ver com as nossas recepções subjetivas e a quantidade é algo que pode ser medido objetivamente. Este é um dos itens. Eu apresento também na tese o desenvolvimento da ética, que também tem fases. Quando jovem, em 1907, ele publica um livro romântico chamado, *Lebensweisheit* (Sabedoria de Vida), mas o curioso é que ele quando escreve o seu texto maior de filosofia moral, chamado *Fragen der Ethik*, ele não demonstra qualquer influência de Wittgenstein. Ao mesmo tempo em que Schlick em termos gerais de filosofia, pagava pedágio a Wittgenstein, em termos de ética isso não acontecia. Ele considerava a ética como sendo um campo subsidiário da psicologia. Wittgenstein não admitiria isso de jeito nenhum. Schlick acreditava ser possível construir uma ética científica, porquanto a ética seria uma parte da psicologia. Sendo a psicologia uma ciência, então muito naturalmente você teria uma ética científica, mas o meu trabalho mostra que o desenvolvimento desse projeto deixa a desejar. O que ele faz não é a construção de uma ética científica. Ele tenta imitar aplicações do método científico até certo ponto, sempre de modo intuitivo, mas, ao fim e ao cabo, joga de lado até mesmo a imitação e diz: “não, na verdade, nós temos de tomar aqui a ideia de bem etc”. Ele não é fiel ao seu próprio método. Aquele livro é interessante, mas, de forma nenhuma pode gerar interesse para nossas reflexões contemporâneas de ética.

**Pólemos:** O senhor defendeu a sua tese sobre Schlick e voltou imediatamente para o Brasil, ficou mais algum tempo na Alemanha ou deu prosseguimento aos estudos no Brasil? Como foi?

**Nelson Gomes:** Eu defendi minha tese em julho de 1975. Depois passei três meses na Inglaterra e retornei ao Brasil em novembro daquele ano. Então eu simplesmente fui procurar trabalho, pois eu tinha um emprego provisório. Eu era professor em Santos, na Universidade Católica. Gostava de dar aula lá, mas, de qualquer maneira, isso não seria propriamente uma carreira. Então, quando voltei, no final de 1975, fiquei lá uns poucos meses, até março de 76. Assumi algumas aulas de lógica, mas houve então a possibilidade de eu vir para Brasília, graças a um colega que hoje está em Curitiba chamado Ulf Baranow. Ele ensinava aqui na área de Letras. Antes dele eu também tinha um colega que fazia química e dava aula na UnB. Baranow conseguiu-me o lugar que eu tenho hoje. Na época, havia Departamento de Geografia e História, não havia departamento de Filosofia. Cheguei à UnB no último dia de março de 1976. Assinei contrato uns dez dias depois. Com isso, comecei a minha carreira nessa universidade.

**Pólemos:** E aí até surgir o Departamento de Filosofia o senhor ficou nesse departamento e ajudou a fazer o Departamento de Filosofia?

**Nelson Gomes:** Não havia um Departamento de Filosofia, então, se quiséssemos que houvesse, tínhamos de montar um. Quando eu cheguei aqui, havia apenas um professor de disciplinas filosóficas, Guillermo Termenón y Solis, em regime de doze horas semanais. Eu fui contratado para substituir o professor Lulo Brandão, que hoje está aposentado em Campinas. Ele, na época, estava saindo daqui e trabalhava com estética. Tanto que, ao chegar aqui, eu dei um curso de Estética, que era o curso anunciado pelo Prof. Brandão. Na verdade, Estética e Introdução a Filosofia. Introdução a Filosofia não foi nenhum problema, mas o curso de Estética para mim foi bastante difícil. De qualquer maneira, o Prof. Brandão já tinha saído e, além de mim, só estava aqui o professor Guillermo Termenón y Solis, que hoje vive em Minas, onde tem uma fazenda. Ele está aposentado desde os anos 1990. O Prof. Guillermo Termenón e eu ensinávamos simplesmente disciplinas ao acaso. Houvera antes um curso de filosofia quando a Universidade começou a funcionar, curso esse que durou até 1971. Em 1972, a Universidade deixou de admitir alunos para o vestibular de Filosofia. Quando eu



cheguei aqui, em 1976, havia uns poucos alunos remanescentes, isto é, alunos que eventualmente ficaram reprovados em alguma disciplina. Tanto que, quando eu cheguei, imediatamente, um colega da História apresentou-me uma moça e disse-me: “olha, esta jovem vai fazer com você um curso tutorial na área de Lógica”, porque ela era uma aluna que tinha sido reprovada pelo Prof. Brandão. Então lhe dei um curso tutorial, ela passou e pronto. Havia uns dois ou três alunos nessas condições, que eram os remanescentes. Quanto ao mais, nós simplesmente oferecíamos disciplinas ao acaso. Basicamente, Introdução a filosofia, Lógica (porque eu queria dar). O Prof. Guillermo gostava de dar uma disciplina chamada Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, que existe até hoje. De qualquer maneira, era isso que nós fazíamos: Introdução, Lógica e Evolução do Pensamento Filosófico e Científico. O professor Eudoro de Souza, da área de Grego, ao acaso, dava um curso de Introdução à Filosofia Antiga para alguns alunos de história e geografia que quisessem, porque não havia curso de Filosofia. Nesse contexto, nós tínhamos de propor a contratação de mais docentes, o que passamos a fazer em 1976 e 1977. Pouco a pouco vieram pessoas novas como um colega meu de Santos, que ficou apenas um semestre. Veio o professor Estevão de Rezende Martins, em 1977. Em 1978 vieram o professor Geraldo de Oliveira Tonaco, o professor Celestino Pires e aí começou pouco a pouco a rodar o sistema de contratações que, na época, era muito fácil, porque pouca gente queria vir para Brasília e era outro o estatuto jurídico. Não havia concursos como hoje, e era difícil encontrar quem quisesse vir. A primeira estratégia que nós usamos foi a seguinte: para trazer novos profissionais, nós temos de criar novas necessidades. Então na época, o Departamento de Ciências Sociais oferecia uma disciplina chamada Iniciação à Metodologia Científica, curso esse que dava muito trabalho para eles, porque tinha 10 turmas. Então eu propus: nós da Filosofia aceitamos ficar com Introdução à Metodologia Científica, se a Universidade nos der mais professores. A Universidade respondeu-nos: “está bem, perfeitamente”. Tal disciplina passou para nossa responsabilidade e, durante alguns anos, nós giramos em torno dela. Finalmente a Filosofia tornou-se um departamento autônomo em 1986. Na época você precisava de 15 professores para montar um departamento, mas nós tínhamos apenas umas 7 ou 8 pessoas. Naquele ano, a Reitoria estava com o Prof. Cristovam Buarque. O Serviço Jurídico sentenciou: “nós podemos fazer aqui uma espécie de alquimia jurídica”. Finalmente, a situação anterior pôde ser modificada. O antigo departamento de Geografia e História subdividiu-se em Departamento de História, que era o maior, Departamento de Geografia e em Departamento de Filosofia, que tinha, no máximo, umas 10 pessoas. Nossa primeira reunião foi em junho de 1986. Mas, o curso de

graduação em Filosofia (bacharelado e licenciatura) foi retomado antes, em 1984. O curso de Filosofia não teve vestibular durante uns dois ou três anos. Ele funcionou como um curso de segunda opção, o que, aliás, foi uma excelente alternativa. Consistia no seguinte: vamos supor que um aluno ótimo do curso de Psicologia, com muito boas notas; ele poderia fazer um curso duplo, por exemplo, Psicologia e Direito, ou algo assim. Ele podia pedir a assim chamada dupla opção. Nós recebíamos gente de dupla opção que eram poucos alunos, mas todos excelentes. Eram alunos que já tinham feito, pelo menos, dois anos nos seus cursos originais. Infelizmente, mais tarde alguém disse “não, é inconstitucional, nós temos que abrir um vestibular”, e aí veio o vestibular, mas isso a partir de 1986. Em seguida, tivemos um longo período no qual eu propus, em 1988, a criação de uma pós-graduação. O Departamento não aceitou a proposta. Eu tentei de novo em 1987, mas o Departamento, mais uma vez, não aceitou a proposta. Eu fiz uma terceira proposta em 1990, com a mesma recusa. O mestrado só começou no ano de 2000, com atraso de doze anos.

**Pólemos:** Como você avalia o cenário filosófico atual e quais são os cinco maiores filósofos vivos em sua opinião? Não há necessidade de serem exatamente cinco, mas evidencie alguns que você considera relevantes.

**Nelson Gomes:** Pena que você me pergunta isso agora, porque se fosse há pouco tempo atrás, eu teria posto Michael Dummett, recentemente falecido. O que eu digo é o seguinte: a filosofia, esta área mais antiga do pensamento ocidental, que remonta ao séc. VII A.C. tem períodos de produção e brilho realmente intensos. Por exemplo, o séc. XIII foi um período de intenso trabalho acadêmico, pois é o século de Tomás de Aquino, o século de Duns Scott. Talvez até o séc. XIV a filosofia medieval tenha vivido um período realmente muito forte. Na Antiguidade, o período no qual temos Sócrates, Platão e Aristóteles, foi indiscutivelmente brilhante. O período inicial que começa com os pressocráticos e vai de Sócrates a Platão e Aristóteles é absolutamente fantástico. Agora, ao mesmo tempo em que há períodos brilhantes, há também tempos de estagnação. Alguns são épocas de estagnação absolutamente explicáveis. O tempo que se segue às invasões bárbaras, os sécs. IV, V, VI, este período da Alta Idade Média, é um ciclo no qual há alguns nomes, mas, digamos, não é uma época efervescente pela simples razão de que toda a sociedade estava desarticulada pelas grandes invasões. Nele a filosofia sofreu, assim como outras áreas do conhecimento. Agora, quando você me pergunta pelos grandes nomes da filosofia, eu realmente hesito em responder. Você,

evidentemente, pode dizer: hoje, do jeito como as coisas estão, pode-se selecionar alguns nomes e dizer: estes são os meus heróis. Evidentemente, isto é uma escolha sujeita a mil críticas, mas, de qualquer maneira, eu diria o seguinte: depois da morte de [Martin] Heidegger, em 1976, e depois da morte de Quine, no ano de 2000, eu vejo o cenário filosófico como um ambiente não particularmente brilhante. Se eu afirmo isso em um congresso, imediatamente centenas de braços vão se erguer e as pessoas vão contradizer-me. Mas eu insisto em afirmar: acho que a filosofia, presentemente, vem se tornando mais e mais irrelevante. O contato dela com a ciência é um problema que não resolvido ainda hoje. É interessante observar que, na segunda metade do séc. XIX, os cientistas ainda se dirigiam aos filósofos e perguntavam-lhes: o que você me diz a respeito de número? Ou, então: o que você me diz a respeito da natureza da matéria, do movimento, do tempo, da consciência? Na passagem do século XIX ao XX, houve filósofos que competentemente discutiam com os cientistas, como, por exemplo, Ernst Cassirer e os neokantianos. Eles participavam do discurso científico da época e das grandes questões culturais. Isto, obviamente, fala em favor da filosofia. No século XX, sobretudo na segunda metade, a impressão que eu tenho é que a filosofia foi perdendo mais e mais sua relevância. Hoje, ninguém vem perguntar a um filósofo o que ele diz sobre número ou matéria ou consciência. As ciências têm suas soluções. Georg Simmel, um filósofo neokantiano, em 1892, escreveu um trabalho sobre a filosofia do dinheiro (*Philosophie des Geldes*), pois ele era competente para falar sobre economia. Hoje, qual é o economista que pergunta a um filósofo sobre algum tema econômico? Ninguém. Então, o que eu vejo na filosofia contemporânea é um crescimento do trabalho técnico e aí eu tenho que fazer uma crítica à área com a qual eu próprio me identifico, que é a Filosofia Analítica. Vejo um crescimento do trabalho técnico interno e autorreferencial. A filosofia vem perdendo a sua capacidade de fecundar a cultura e volta-se a questões endógenas. Você tem, por exemplo, Saul Kripke diz alguma coisa sobre Wittgenstein e aí vem o Derek Parfit e apresenta alguma pequena observação ao que Kripke disse etc. A discussão gira em torno de pequenos tópicos, mas nada que modifique o universo da cultura, nada que traga conhecimentos relevantes. Quando Heidegger, que não é o meu herói, propõe a sua filosofia existencial, talvez até com muitos equívocos, ele propõe algo que dá realmente o que pensar e que vai depois ter suas extensões na literatura etc. Agora, eu não vejo isso na filosofia contemporânea. A filosofia se tornou, evidentemente, um trabalho universitário, sobretudo nos Estados Unidos, onde hoje se faz o que há de mais citado, mas num ambiente de extrema competitividade acadêmica. Vocês sabem que um professor universitário norte americano fica

em média seis anos na sua universidade e depois é convidado para ir para outra. Eu já estou me aposentando e ensinei ao todo em três universidades: Católica de Santos, USP/Ribeirão Preto e Universidade de Brasília. Nos Estados Unidos, um professor universitário quando se aposenta ensinou em, pelo menos, sete ou oito universidades. Lá existe uma competitividade extrema, um ambiente deveras peculiar, no qual se produz muito. Não obstante, desagradou-me ver que os Congressos de Filosofia giram em torno dos grandes nomes, das figuras consagradas. Quanto à pergunta que vocês me fazem sobre grandes nomes, eu confesso que eu não a ouço com satisfação. Nos Congressos de Filosofia, quando aparece um dos grandes nomes, todo mundo vai ouvir-lhe a conferência. Mas as pessoas vão simplesmente lá ouvir o que ele fala, ou seja, não há propriamente o trabalho de debate em torno de ideias. Na verdade, perdeu-se muito da capacidade de se debater seriamente. A discussão passou a ser, ao fim e ao cabo, um tipo de debate puramente competitivo em termos de posições acadêmicas. A minha visão em torno do que a filosofia é hoje não é boa. Eu diria que a Filosofia está hoje, talvez como esteve na Alta Idade Média, em uma situação de declínio. Isto não quer dizer que a filosofia esteja em fase de extinção, eu creio até que ela continuará existindo. Espero, inclusive, que, no futuro, ela volte a ascender como já ascendeu no passado, depois de longos períodos de declínio. Houve períodos de declínio que duraram séculos e não só na Idade Média. Nos séculos XV e XVI, só parte da escolástica produziu inovações significativas. Em geral, o período foi de declínio. Hoje nós estamos vivendo um tempo pouco brilhante. Eu posso, entretanto, citar o nome de alguns pensadores cujos trabalhos considero bons. Mas eu digo honestamente: nada que os equipare a autores como Tomás de Aquino, Gottlob Frege, Bertrand Russell, Wittgenstein; nada que vá nesta linha, ou que dela se aproxime. O próprio Martin Heidegger e Edmund Husserl merecem ser incluídos nesse tipo de lista. Eu acho que, por exemplo, Hilary Putnam é um nome contemporâneo digno de citação, sobretudo pelos seus trabalhos dos anos 1960 e 1970. Eu incluiria ainda Saul Kripke, um restaurador da metafísica, assim como Kit Fine, por razão análoga. Eu citaria também Timothy Williamson, autor de *The Philosophy of Philosophy* e, sobretudo, *Knowledge and Its Limits*. Ele é muito capaz de aplicar lógicas filosóficas à filosofia. Eu citaria ainda o nome de Derek Parfit, cujo trabalho recente (*On What Matters*) é promissor para a ética e para grande parte da filosofia. Esses são autores bons, vale a pena lê-los, mas, com certeza, nenhum deles tem as dimensões de Frege ou de Wittgenstein. Nos nossos dias, falar em grandes nomes da filosofia contemporânea é mencionar nomes de pessoas que estão

produzindo bem. Não obstante, a área está em declínio. Creio que Quine foi o último de quem eu seria capaz de fazer um elogio maior.

**Pólemos:** Você mencionou esta ausência da capacidade da Filosofia ser relevante para a cultura e discutir com outras áreas, talvez seja um caminho válido esse que o filósofo tenta ao se embrenhar por uma certa área e se tornar relevante nela? Por exemplo, um pensador como Steven Pinker, ou Van Fraassen, fazendo teorias de ciências específicas, ou mesmo outros tentando discutir linguagem. Talvez seja por aí que a filosofia possa ser relevante de uma forma ainda maior para a cultura?

**Nelson Gomes:** Pode ser. O problema é que na filosofia, o problema, eu enfatizo, é este aspecto de contato com as outras áreas. Enfatizo também o papel da filosofia frente a si mesma. Porque a filosofia frente a si mesma está se embrenhando cada vez mais em questões autorreferenciais, assim como em pormenores técnicos. Tomemos como exemplo o Wittgenstein de Kripke. Se o um filósofo X diz algo sobre o assunto, eu não vou dizer que o que ele está falando não faz sentido, na medida em que ele diz algo dotado de algum interesse e justificação. Mas intervenções desse tipo são cada vez mais fragmentos que não representam grande coisa. Se você me pergunta se a filosofia poderia sobreviver sem isso, eu respondo, facilmente que sim. Considere hoje o trabalho, por exemplo, de Timothy Williamson. O livro *Knowledge and Its Limits* é muito bom, mas o *The Philosophy of Philosophy* sugere uma certa aurorreferência.

**Pólemos:** Então o senhor acha que seria uma boa estratégia, talvez, olhar para fora da filosofia? Como uma Filosofia da Biologia, uma Filosofia da Linguagem, tentando responder às questões não técnicas?

**Nelson Gomes:** Esta é uma situação que eu consideraria difícil, para a qual não há respostas fáceis. Hoje o desenvolvimento da ciência vai no sentido da especialização crescente. Então, vem o aspecto penoso, que quando vemos o filósofo tentando trabalhar em uma outra área, fazendo uma outra ciência. No meu campo é muito comum vermos filósofos que fizeram graduação em filosofia tentando dar a impressão de que são matemáticos. Vemos aquele tipo querendo dar a impressão de que é matemático quando ele não é; ou querendo dar a impressão de ser biólogo quando na verdade ele não o é. Então, justamente, este é um ponto do qual eu

vou falar agora a partir de experiências. Não é nenhuma questão teórica, para um filósofo, trabalhar em uma outra área, quando ele não têm aquela formação específica. Eu próprio enfrentei tal problema, pois comecei a trabalhar com Filosofia da Psicologia e fi-lo durante alguns anos, dei aula para a Graduação de Psicologia e para a pós-graduação de Psicologia, até que, finalmente, quando fui para Ribeirão Preto, em 1991 e 1992, tive de escolher: ou eu continuava a trabalhar Filosofia da Psicologia (e tinha que me aprofundar cada vez mais em psicologia), ou, então, eu deixava esta área e voltava para o meu trabalho em filosofia aqui na UnB. Eu escolhi a segunda alternativa. Mas por quê? De repente eu começo a estudar Filosofia da Psicologia até que chega um ponto no qual o meu latim termina, eu já disse tudo que eu tinha para dizer em psicologia, se eu quiser dizer mais, eu tenho que reestudar essa disciplina. Porém, estudar psicologia significa algo muito importante que vai exigir de mim uma dedicação para outra área na qual eu não fiz graduação. Então, vai se falar, por exemplo, em Filosofia da Psicologia sem saber, por exemplo, o que é traçar uma linha de base, ou outros conceitos elementares? Eu vejo aí um problema sério e confesso que não tenho uma resposta para esta questão. De um lado, gostaria que a filosofia pudesse fecundar outras áreas, que ela fosse menos autorreferente, que pudesse colocar os próprios problemas como questões de ontologia, de epistemologia, de ética etc., num plano grandioso e não de simples pormenores técnicos. Mas eu confesso que eu não tenho uma boa resposta ao problema. Posso dar alguns poucos exemplos de pessoas que trabalharam com êxito em duas áreas. Russell é um exemplo, pois trabalhou com êxito em matemática e filosofia, mas é um caso deveras excepcional.

**Pólemos:** Às vezes alguém que começa em outra área, que tem uma formação primeira em Física e, depois, se interessa por filosofia. É o caso dos grandes teóricos. Na Teoria da Ciência em geral, são pessoas formadas em uma ciência especial que depois se interessam em filosofia.

**Nelson Gomes:** Mas aí vem a frequente dificuldade: como eles não passaram pelo curso de graduação em filosofia, falta-lhes muito, falta-lhes leitura de textos cruciais, pois a filosofia está em constante diálogo com o seu passado. Mas eu concordo com você: esta capacidade de fecundar passa por algum tipo de conhecimento do filósofo com respeito a outras áreas. Agora, eu não tenho uma solução que pudesse sequer sugerir a outros. É complicado, mesmo em áreas, como, por exemplo, a História. Quem quer passar por ela deve fazer o trabalho com



os documentos, deve trabalhar em arquivos e coisas do gênero. Se o filósofo lança grandes questões a respeito de itens históricos, objeta-se que ele não tem o trabalho empírico e que não entende o que faz o historiador. Por outro lado, o historiador que se aventura em filosofia em geral, tampouco conhece o trabalho do filósofo. Tais dificuldades, entretanto, não implicam dizer que a filosofia morreu, até mesmo porque ela já esteve em situações muito piores no passado. Por longos períodos históricos, ela quase desapareceu, mas retornou posteriormente, com renovado vigor.

**Pólemos:** Quais seriam então os critérios para estabelecer um trabalho filosófico de qualidade?

**Nelson Gomes:** Eu diria que é importante o papel fecundador da filosofia. Se você tem um bom trabalho, ele vai despertar interesse não apenas dentro do universo filosófico. Além disso, um trabalho que não se resume a pequenas questões técnicas, nas quais as pessoas discutem com meia dúzia de colegas.

**Pólemos:** Mas também não é muito diferente do que acontece nas ciências especiais.

**Nelson Gomes:** Claro que não. O problema é que as ciências especiais têm outro tipo de papel na sociedade, que tem com elas outro tipo de relação. O jornal de hoje conta uma coisa interessante: o presidente Obama está agora negociando com o Congresso uma nova lei de imigração. Um dos itens de tal mudança diz respeito a formados em Engenharia, Ciência, Tecnologia ou Matemática. A sociedade tem outra relação com estas ciências que não é a mesma com a Filosofia. Isto não é nenhuma razão para desânimo para vocês que são estudantes, eu estou aqui porque gosto de fazer filosofia, se ela está decadente ou não pouco importa. Se você gosta, você tem de ficar e fazer seu trabalho. Escreva seu doutorado e no futuro você vai encontrar emprego.

**Pólemos:** Nem que seja fora da filosofia, certo?

**Nelson Gomes:** Não, não, eu ouvi isto de um professor no meu tempo de graduação, que dizia: “olha, em toda minha carreira eu nunca tive um aluno que quisesse trabalhar em filosofia, que tivesse tocado adiante e não tenha conseguido emprego ou não tenha

conseguido sobreviver”. Conseguir emprego as pessoas conseguem. Agora, o problema é outro: é sua atitude intelectual.

**Pólemos:** Vamos falar um pouco sobre lógica e, a primeira pergunta que se coloca é: o que o senhor definiria como lógica? Mesmo porque não existe uma definição unívoca.

**Nelson Gomes:** Creio que uma definição razoável do que se pode admitir, pelo menos, a título de instrumento de trabalho, é entender lógica como uma disciplina voltada para a argumentação. Uma disciplina cujo objeto é a argumentação. Uma disciplina dos princípios da argumentação e, de modo mais estrito, os princípios da argumentação válida. Eu creio que se pode entender lógica nesses termos. E, evidentemente, aqui e ali a gente tem de fazer adaptações dessa definição, mas eu acredito que ela é uma definição razoável. E, com isso, estou excluindo, aquilo que os idealistas chamam de lógica. “Lógica” é uma palavra que pode ser usada em várias acepções. Os idealistas são um exemplo. O que eles chamam de lógica não é lógica neste sentido que eu enuncio. Mesmo a fenomenologia, quando fala em lógica fenomenológica, não emprega essa acepção. Eu gostaria de falar de lógica no sentido dos trabalhos de Aristóteles, dos estoico-megáricos, de autores medievais como Guilherme de Occam, no sentido de Frege, de Russell, e outros. Lógica é basicamente isso.

**Pólemos:** Hoje, nós temos muitos sistemas de lógica e uma das grandes controvérsias, conforme os autores da área trabalham, gira em torno dos problemas em se definir o que é lógica e o que não é. Nesse sentido, levanta-se a questão da cidadania lógica. O senhor tem alguma concepção a respeito disto?

**Nelson Gomes:** Posso dar-lhe uma resposta padrão. O trabalho de C. I. Lewis, por exemplo, iniciado em 1912, não tinha uma semântica, era meramente sintático, sendo a respectiva semântica substituída por apelos intuitivos. Além disso, não se sabia, até meados dos anos 1940, muita coisa sobre a relação entre modalidades e quantificação, o que atraiu daí as críticas de Quine. Finalmente, ao final dos anos 1950, aparece o trabalho de Kripke, no qual ele propõe uma semântica bem estabelecida. Isso eliminou as dúvidas, pois se tratava de uma semântica em que havia tudo dos sistemas reconhecidos. A partir daí, você pode provar uma série de propriedades dos sistemas. E aí vêm as propriedades padrão, a correção, a consistência de um sistema de axiomas, a completude. Bom, a cidadania lógica nesse sentido

tradicional é isso: é você provar que o sistema tem as propriedades desejáveis, pelo menos, a propriedade da consistência é muito importante. Porém, quem conhece história sabe que há casos complicados. O sistema proposto por G. H. Von Wright, em 1951, na sua formulação original, é altamente imperfeito, mas provou-se deveras fecundo. A partir dele, formulações melhores foram paulatinamente elaboradas, com o que nasceu a lógica deôntica.

**Pólemos:** Isso passa justamente pelo que você falava dessa penetração no mundo da cultura.

**Nelson Gomes:** É verdade, as pessoas disseram: “Ah! Isso aqui está mal feito, mas eu posso aproveitar para fazer algo melhor” e a partir daí outros melhoraram aquilo rapidamente e começou-se um novo caminho surpreendente. Percebe? A cidadania lógica, em princípio, é dada pelas propriedades interessantes, mas acontece que, na medida em que o sistema é pelo menos promissor, ele tem cidadania lógica, pelo menos, no sentido amplo da palavra. Isso nem sempre chega de início, pode por vezes demorar um pouco.

**Pólemos:** Muito curioso, porque nós temos essas querelas, por exemplo, Dummett não reconhecendo a Lógica Epistêmica, certas pessoas não reconhecem a Lógica Difusa e ainda assim, se se tratasse somente dessa observação de propriedades, tudo pareceria muito claro.

**Nelson Gomes:** Sim, sem dúvida, porque as propriedades não são dadas de início. A partir do momento em que a lógica modal, por exemplo, teve suas provas metateóricas relevantes não se discute mais se ela tem ou não cidadania. Mas acontece que isso não é tudo, a questão não se encerra aí.

**Pólemos:** Como você vê a relação entre lógica e filosofia? Muitas pessoas recusam a lógica em filosofia, outras a querem como instrumento. Qual é o papel que você vê da lógica para a filosofia?

**Nelson Gomes:** Eu diria o seguinte: de direito, eu creio que a lógica possa trazer contribuições realmente muito importantes para a filosofia em uma grande série de tópicos. Exemplo disso já é a lógica de primeira ordem, com o papel dos conectivos no raciocínio, o papel dos quantificadores e a noção de predicado. Depois vêm os resultados que você obtém quando vai para as lógicas de ordem superior, ou seja, o papel dos teoremas de Gödel (1931)

que é absolutamente gigante, com um impacto incrível, a prova de que um sistema formal suficiente forte para conter a aritmética elementar é inconsistente ou incompleto. Isso é crucial em termos da noção de racionalidade, em termos do limite do espírito humano. O próprio Gödel acentuou isso: ou a matemática é algo superior ao espírito humano – o homem jamais vai entendê-la, ou, se não for assim, é porque a mente humana não é apenas uma máquina. Esse resultado é um resultado incrível, aí a lógica tem um papel excelente assim como as chamadas lógicas filosóficas: a lógica modal, a lógica deôntica, a lógica epistêmica, elas sempre podem ser interessantes para reflexões filosóficas. Veja hoje o caso da lógica modal com respeito à metafísica. Eu acho que estudar lógica é uma coisa importante, falando-se em termos usuais de um curso de filosofia. Estudar lógica é algo significativo e importante para um aluno de filosofia. Agora, o problema é que a relação de lógica e filosofia nem sempre foi uma relação pacífica, porque a lógica de Aristóteles desenvolveu-se num ambiente filosófico e foi assim durante milhares de anos. A lógica matemática desenvolveu-se em um ambiente matemático. Russell foi, na verdade, o primeiro que era matemático e filósofo e falava até mais de filosofia do que de qualquer outra coisa. Ele tentou de modo pioneiro empregar a lógica na solução de problemas filosóficos, embora não tenha conseguido ir tão longe quanto pensava. Ele achava que a filosofia devia ser algo muito parecido com a ciência, o que nem sempre se pode sustentar. A filosofia tem uma dinâmica própria, ela deve fecundar outras áreas, é crucial que ela se relacione com outras áreas, mas querer reduzir a filosofia ao trabalho com outras ciências não é plausível. Essa é uma área de atrito que não se resolve com facilidade. O filósofo de nossos dias, frequentemente, acha que há uma invasão dos lógicos, que há um excesso do espaço ocupado pelos lógicos dentro dos cursos e isso é um problema real, é uma tendência nos cursos de filosofia. Chego a pensar que os cursos de lógica na filosofia tendem a ser cursos de pensamento crítico e coisas assim. Mesmo porque há tantos cursos de filosofia e tão pouca gente em condição de ensinar lógica que os cursos têm dificuldade real em recrutar profissionais. Somando-se tudo, há a tendência de reduzir o papel da lógica. Temos de reconhecer que a maior parte do ensino de lógica nos cursos de filosofia tende a ser oferecida de modo bastante básico. Ensinar lógica para filósofos exige simultaneamente conhecimentos formais e filosóficos, o que poucos profissionais são capazes de reunir. Lógicos matemáticos tendem a saber pouco de filosofia ou pouco de técnicas formais. É uma pena!

**Pólemos:** Existe uma série de assuntos em que a lógica é aparentemente fundamental. Por exemplo, você acha que é possível fazer metafísica sem lógica?

**Nelson Gomes:** Não! Sem lógica não. Você precisa de alguma forma de lógica. A metafísica de Aristóteles tinha uma lógica subjacente, explicitamente desenvolvida. Mas eu diria que alguma forma de lógica está sempre presente, subjacente a uma metafísica. A metafísica, entretanto, só progride quando você deixa explícito aquilo que é meramente intuitivo. Quando você é capaz de definir um sistema claramente colocado, você sabe dos seus pressupostos, que depois vão entrar na sua ontologia, então há progresso.

**Pólemos:** Mas será que um bom estudo de metafísica não pressupõe um bom estudo de lógica?

**Nelson Gomes:** Sim. O raciocínio do filósofo tende a ser difuso, mais ou menos cego, enquanto que a lógica diz: “calma lá, o que você quer com isso?”. Como caracterizamos essa linguagem? Quais são as suas regras? Quais os seus postulados? A lógica ajuda o filósofo a entender o seu próprio caminho. O filósofo pode dizer “eu não quero simplesmente trabalhar com verdadeiro ou falso”. Então, tudo bem, vamos montar aqui um outro sistema. A lógica tem essa plasticidade. Ela tem essa flexibilidade. Ela permite que você elabore sistemas diferentes a partir de postulados diferentes e ela mostra, a partir daí, que também o filósofo poderá ter resultados ontológicos diferentes conforme sejam suas escolhas fundamentais. Então, nesse sentido, eu também usarei a expressão, que não é minha, “uma metafísica logicamente disciplinada”. Em tese, a lógica tem um papel fundamental. Não é a toa que nos cursos de filosofia, desde a Idade Média, lógica é sempre uma parte crucial. Agora, devido a certas peripécias, nos últimos 150 anos de relacionamento entre filósofos e matemáticos, a lógica feita pelos matemáticos nem sempre vem sendo reconhecida pelo filósofo como sendo um instrumento útil a ele. Mesmo porque se você estuda o desenvolvimento da lógica, você vai ver que durante um período muito longo, pelo menos até 1934, quando começa o sistema de dedução natural, ela era um trabalho formal de difícil acesso para não matemáticos. Demorou muito tempo até que aqueles instrumentos formais fossem mais ou menos diluídos e passassem a ser de interesse também do filósofo.

**Pólemos:** Você falou desses vários sistemas lógicos em que temos os postulados, especificamos o sistema e construímos uma ontologia. Dados esses diversos sistemas, existe um método ou alguma forma de escolher qual deles adotar?

**Nelson Gomes:** Inexiste uma resposta não filosófica a esta pergunta. Eu posso, por exemplo, escolher as assim chamadas ‘lógicas livres’ para com elas trabalhar dentro de uma ontologia, mas essa escolha já pressupõe uma opção filosófica. Então, há de tudo. A lógica hoje apresenta um cardápio de opções, embora os mecanismos para essa decisão sejam filosóficos. Não é a lógica que tem que dar esse tipo de resposta.

**Pólemos:** Professor, nós estamos aqui lamentavelmente entrevistando o senhor por ocasião da sua aposentadoria. Gostaríamos muito que ficasse mais tempo e gostaríamos de saber quais são seus planos para depois da sua aposentadoria. O que gostaria de fazer do ponto de vista filosófico?

**Nelson Gomes:** Uma coisa é certa, na medida do que depender de mim: tenho vários textos que eu produzi ao longo da minha carreira e que nunca foram publicados. Eu gostaria, de imediato, de trabalhar na publicação dos meus textos de lógica de primeira ordem e de lógica tradicional. Há neles muita coisa de interesse filosófico, mas esses escritos carecem de revisão. Depois, tenho também o meu texto de lógica modal, que gostaria igualmente de rever e publicar. E gostaria de escrever um livro sobre o Círculo de Viena. É uma coisa muito curiosa porque aqui no Brasil é assim: se você, por exemplo, estuda neokantismo, as pessoas acham que você é um neokantiano. No caso, eu estudei o neopositivismo durante muito tempo, porém o meu trabalho frente ao neopositivismo é crítico e sempre foi em todos os meus textos. Eu faço inúmeras restrições a essa corrente. Eu acho que o interessante nessa linha foi a tentativa de uso de métodos rigorosos, particularmente no trabalho de Rudolf Carnap, o que conduziu a constantes revisões. No caso de Carnap, há um aspecto curioso: ele, um dos grandes anti metafísicos, ao final, ajuda na restauração da lógica modal, por outras razões, porque precisava daqueles conceitos para desenvolver a noção de significado. Com isso, Carnap terminou por abrir caminho para a metafísica analítica. Agora, eu sei que no Brasil o interesse em torno disso é muito pequeno, praticamente nenhum, mas eu pretendo escrever a respeito. Agora, quanto à aposentadoria, todo mundo um dia se aposenta, tem de sair, mas eu espero que haja um novo concurso de lógica e que venha gente boa, porque o



grupo com formação em lógica resume-se a poucas pessoas no Brasil. É uma pena que na formação em lógica, nas últimas quatro ou cinco décadas, no Brasil, tenha havido tão forte predomínio de aspectos matemáticos e computacionais, em detrimento de questões filosóficas. Não houve propriamente formação de filósofos capazes de ensinar para a filosofia e de fazer pesquisa em questões de interesse lógico-filosófico. Isso, no Brasil, não aconteceu, o que é uma pena!

*Pólemos*: Agradecemos imensamente a entrevista em nome da *Pólemos*.

*Nelson Gomes*: Eu é que agradeço.

